

ANTONIO HILL

O VERÃO DOS
BRINQUEDOS MORTOS

Tradução de Helena Pitta

Ontem

Há muito que não penso em Iris nem no verão em que morreu. Calculo que tenha tentado esquecer tudo, da mesma forma que superei os pesadelos e os terrores da infância. E agora, quando quero recordá-la, só me vem à memória o último dia, como se essas imagens tivessem apagado todas as anteriores. Fecho os olhos e sou transportado para aquela casa grande e velha, para o dormitório de camas desertas que esperam pela chegada do próximo grupo de crianças. Tenho seis anos, estou numa colónia de férias e não consigo dormir porque tenho medo. Não, minto. Naquela madrugada portei-me como um valente: desobedeci às regras e enfrentei a escuridão só para ver Iris. Mas encontrei-a afogada, a flutuar na piscina, rodeada de um cortejo de bonecas mortas.

Quarta-feira

1

Desligou o despertador ao primeiro toque. Oito da manhã. Embora estivesse acordado há horas, sentiu um cansaço súbito apoderar-se dos membros e teve de fazer um esforço para se levantar da cama e ir até ao duche. O jorro de água fresca dissipou o torpor e levou consigo uma parte dos efeitos do desfasamento horário. Tinha chegado na tarde anterior, depois de um voo interminável Buenos Aires-Barcelona que se prolongou ainda mais no balcão de perdidos e achados do aeroporto. A funcionária, que numa vida anterior deve ter sido, com certeza, uma dessas sádicas preceptoras britânicas, esgotou as últimas doses de paciência olhando-o como se a mala fosse um ente com vontade própria que tivesse decidido trocar aquele dono por outro menos mal-encarado.

Secou-se vigorosamente e reparou, aborrecido, que o suor já se lhe insinuava na testa: era assim o verão em Barcelona. Húmido e pegajoso como um gelado derretido. Com a toalha enrolada à cintura, olhou-se ao espelho. Tinha de se barbear. Que merda. Voltou ao quarto e procurou no armário meio vazio umas cuecas limpas. Felizmente, a roupa da mala perdida era de inverno, de modo que não teve problemas em encontrar uma camisa de manga curta e umas calças. Descalço, sentou-se na cama. Respirou fundo. A longa viagem cobrava o seu preço; sentiu a tentação de voltar a deitar-se,

fechar os olhos e esquecer-se do compromisso que tinha às dez em ponto, embora no seu íntimo soubesse ser incapaz de o fazer. Héctor Salgado nunca faltava a um encontro. «Nem que fosse com o meu verdugo», disse para consigo, esboçando um sorriso irónico. A sua mão direita procurou o telemóvel na mesa de cabeceira. Restava-lhe pouca bateria e lembrou-se de que o carregador estava na bendita mala. No dia anterior sentira-se esgotado de mais para falar com alguém, embora no fundo talvez esperasse que fossem os outros a lembrar-se dele. Procurou na agenda o número de Ruth e permaneceu alguns segundos a olhar para o ecrã antes de pressionar a tecla verde. Ligava-lhe sempre para o telemóvel, certamente num esforço para ignorar que ela tinha outro número fixo. Outra casa. Outra relação. A voz dela, um pouco rouca, de quem acabou de se levantar, sussurrou-lhe ao ouvido:

– Héctor...

– Acordei-te?

– Não... Bom, um pouco. – Ele ouviu ao fundo um riso abafado.

– Mas tinha de me levantar na mesma. Quando chegaste?

– Desculpa. Cheguei ontem à tarde, mas aqueles idiotas perderam-me a mala e retiveram-me meio dia no aeroporto. Tenho o telemóvel quase a desligar-se. Só queria que soubessem que cheguei bem.

De repente sentiu-se absurdo. Como um miúdo que fala de mais.

– Que tal a viagem?

– Calma – mentiu. – Ouve, Guillermo está a dormir?

Ruth riu-se.

– Sempre que voltas de Buenos Aires mudas a pronúncia. Guillermo não está, não te disse? Foi passar uns dias na praia, em casa de um amigo – respondeu ela. – Mas a esta hora está com certeza a dormir – acrescentou imediatamente.

– Está bem. – Uma pausa; nos últimos tempos as conversas entre eles atolavam-se continuamente. – E como anda?

– Ele, bem. Mas juro-te que se a pré-adolescência dura muito, reenvio-to com portes pagos. – Ruth sorria. Ele lembrava-se da forma como sorria e daquele súbito brilho nos olhos. O tom de voz dela mudou: – Héctor, ouve, sabes alguma coisa do teu assunto?

– Tenho de me encontrar com Savall às dez.

– Bom, depois diz-me alguma coisa.

Outra pausa.

– Almoçamos juntos? – Héctor tinha baixado a voz. Ela demorou a responder um pouco mais do que o tempo necessário.

– Já tenho um compromisso, desculpa. – Por instantes ele pensou que a bateria se tinha esgotado totalmente, embora por fim a voz tivesse acabado por continuar: – Mas conversamos mais tarde. Podíamos tomar um café...

Nessa altura sim. Antes de conseguir responder, o telefone transformou-se num bocado de metal morto. Olhou-o com ódio. Depois os seus olhos desceram até aos pés descalços. E, de um salto, como se a conversa breve lhe tivesse dado o impulso necessário, levantou-se e encaminhou-se novamente para aquele armário acusador cheio de cabides vazios.

Héctor vivia num prédio de três andares, no terceiro. Nada de especial, um dos muitos imóveis típicos do bairro de Poblenou, situado perto da estação de metro e a uns dois quarteirões dessa outra rambla que não aparece nos roteiros turísticos. A única coisa vantajosa do seu apartamento era o aluguer, que não tinha subido quando a zona se deu ares de local privilegiado perto da praia, e uma açoteia que, para efeitos práticos, se tinha transformado no seu terraço privado porque o segundo andar estava vago e no primeiro vivia a senhoria, uma mulher com quase setenta anos que não tinha o mais pequeno interesse em subir três lanços de escadas. Ele e Ruth tinham arranjado a velha açoteia, cobrindo uma parte e colocando várias plantas, agora agonizantes, e uma mesa com cadeiras para jantarem nas noites de verão. Quase não tinha voltado a subir desde que Ruth se fora embora.

A porta do primeiro andar abriu-se justamente quando passava diante dela e Carmen, a proprietária do prédio, veio recebê-lo.

– Héctor. – Sorria. Como sempre, ele disse para consigo que se chegasse a velho queria ser como esta boa senhora. Ou melhor, queria ter uma como ela ao lado. Parou e deu-lhe um beijo na cara, desajeitado. Os gestos de carinho nunca tinham sido o seu forte. – Ontem ouvi barulho lá em cima, mas pensei que estarias cansado. Queres um café? Acabei de fazê-lo.

– Já está a mimar-me?

– Tontices – replicou ela decididamente. – Os homens têm de sair de casa com um bom pequeno-almoço. Vem para a cozinha.

Héctor seguiu-a, obediente. A casa cheirava a café acabado de fazer.

– Já tinha saudades do seu café, Carmen.

Ela observou-o com o sobrolho franzido enquanto lhe servia uma chávena generosa e acrescentava depois umas gotas de leite e uma colherzinha de açúcar.

– Com um bom pequeno-almoço... e com a barba feita – acrescentou a senhora intencionalmente.

– Não seja dura comigo, Carmen, que acabei de chegar – suplicou ele.

– E tu não te armes em vítima. Como estás? – Olhou-o com carinho. – Que tal correram as coisas na tua terra? Ah, e fuma um cigarro porque sei que estás louco para o fazer.

– Você é única, Carmen. – Tirou o maço de cigarros e acendeu um. – Não percebo como não foi caçada por nenhum avozinho ricoço.

– Talvez porque não me agradam os avozinhos! Quando cheguei aos sessenta e cinco, olhei à minha volta e disse para comigo: Carmen, *ja n’hi ha prou*, fecha o estaminé. Dedicar-te a ver filmes em casa... A propósito, estão aí os que me emprestaste. Vi-os todos – afirmou, orgulhosa.

A coleção de filmes de Héctor teria feito mais de um amante de cinema empalidecer de inveja: dos clássicos de Hollywood, os preferidos de Carmen, às últimas novidades. Todos colocados numa estante que ocupava a parede inteira, sem ordem aparente; um dos seus maiores prazeres nas noites de insónia era tirar uns dois ao acaso e deitar-se no sofá a vê-los.

– Maravilhosos – prosseguiu Carmen. Era uma fã assumida de Grace Kelly, com quem se parecia quando era nova, conforme lhe diziam. – Mas não tentes enrolar-me. Como estás?

Ele expirou o fumo devagar e acabou de beber o café. O olhar da mulher não lhe dava tréguas: aqueles olhos azuis deviam ter sido verdadeiros assassinos de homens. Carmen não era daquelas velhotas

que apreciam evocar o passado mas, graças a Ruth, Héctor sabia que tinham existido pelo menos dois maridos, «olvidáveis, coitadinhos», nas palavras da própria Carmen, e um amante, «um desavergonhado daqueles que não se esquecem». Mas no fim tinha sido este último quem lhe garantira a velhice, legando-lhe aquele prédio de três andares, onde viveria ainda melhor se não reservasse um dos apartamentos para um filho que se tinha ido embora há anos e nunca mais voltara.

Héctor serviu-se de um pouco mais de café antes de responder:

– A si não a consigo enganar, Carmen. – Tentou sorrir, mas o aspeto fatigado e os olhos tristes frustravam o esforço. – Desculpe a linguagem, mas é tudo uma merda. Há já muito tempo que tudo se parece bastante com uma merda.

Processo 1231 – R.

H. Salgado

Pendente de resolução.

Três linhas curtas escritas a marcador preto num *post-it* amarelo colado a uma pasta da mesma cor. Para não as ver, o comissário-chefe Savall abriu a pasta e reexaminou o seu conteúdo. Como se já não o soubesse de cor. Declarações. Exposição. Relatórios médicos. Brutalidade policial. Fotografias das feridas daquele cabrão. Fotografias daquela desgraçada miúda nigeriana. Fotografias do apartamento do Raval onde mantinham as raparigas amontoadas. Vários recortes de jornais, alguns deles – poucos, graças a Deus – com muito más intenções, que descreviam a sua própria versão dos factos pondo a ênfase em conceitos como injustiça, racismo e abuso de poder. Fechou a pasta com uma palmada e viu as horas no relógio de mesa do gabinete. 9h10. Cinquenta minutos. Estava a inclinar a cadeira para trás para esticar as pernas quando alguém bateu à porta, abrindo-a quase ao mesmo tempo.

– Já chegou? – quis saber.

A mulher que tinha entrado no gabinete negou, abanando a cabeça, sem lhe perguntar a quem se referia e, muito devagar, apoiou

ambas as mãos nas costas da cadeira que estava diante da mesa. Olhou-o nos olhos e pespegou-lhe:

– O que pensas dizer-lhe? – A pergunta soou como uma acusação, uma rajada de tiros em quatro palavras.

Savall encolheu os ombros quase impercetivelmente.

– O que se passa. O que queres que lhe diga?

– Muito bem, genial.

– Martina... – Tentou ser brusco, mas apreciava-a demasiado para se aborrecer seriamente com ela. Baixou a voz. – Estou de mãos atadas, foda-se.

Ela não cedeu. Afastou um pouco a cadeira, sentou-se e voltou a aproximá-la da mesa.

– Que mais querem? Aquele tipo já saiu do hospital. Está em casa, fresco como uma alface, a reorganizar o seu negócio...

– Não me lixes, Martina! – O suor invadiu-lhe a testa e, por uma vez, perdeu as estribeiras. Tinha decidido não o fazer quando se levantou naquela manhã. Mas era humano. Abriu a pasta amarela e tirou as fotografias; começou a pousá-las na mesa como cartas abertas que anunciavam um póquer de ases. – Maxilar partido. Duas costelas fraturadas. Contusões no crânio e no abdómen. A cara feita num oito. Tudo porque Héctor perdeu a cabeça e se meteu em casa desse merdas. E mesmo assim teve sorte, porque não houve lesões internas. Deu-lhe uma sova do caraças.

Ela sabia tudo isso. Sabia também que se estivesse sentada na cadeira da frente teria dito exatamente a mesma coisa. Mas se havia coisa que definia a subinspetora Martina Andreu era a lealdade inquebrantável para com a família, colegas de trabalho, amigos. Para ela o mundo dividia-se em dois grupos bem diferenciados, os seus e os outros, e Héctor Salgado pertencia, sem sombra de dúvida, ao primeiro. De modo que, em voz alta e deliberadamente desdenhosa, uma voz que irritava o seu chefe ainda mais que a visão daquelas fotografias, contra-atacou:

– Porque não tiras as outras? As da rapariga. Porque não vemos o que fez o raio daquele bruxo negro àquela pobre miúda?

Savall suspirou.

– Cuidado com isso do negro. – Martina pôs uma expressão de impaciência. – Só nos faltava isso. E o que aconteceu à rapariga não justifica a agressão. Tu sabes disso, eu sei disso, Héctor sabe disso. E, o que é pior, o advogado daquele cabrão também. – Baixou a voz; há anos que trabalhava com Andreu e confiava mais nela do que em qualquer outro dos seus subordinados. – Anteontem esteve aqui.

Martina arqueou uma sobrancelha.

– Sim, o advogado do... não sei quantos. Deixei-lhe as coisas muito claras: ou retira a queixa contra o Salgado ou o seu cliente terá um polícia a segui-lo até mesmo quando for ao raio da retrete.

– E? – perguntou, olhando para o chefe com um respeito renovado.

– Disse que teria de conversar com ele. Apertei-o o mais que pude. *Off the record*. Combinámos que me telefonaria esta manhã, antes das dez.

– E se aceder? O que lhe prometeste em troca?

Savall não teve tempo de responder. O telefone da sua secretária soou como um alarme. Com um gesto, pediu silêncio à subinspetora e atendeu.

– Sim? – Por instantes o seu rosto manteve-se expectante, mas imediatamente a sua expressão se transformou em simples aborrecimento. – Não. Não! Agora estou ocupado. Telefone-lhe mais tarde. – Mais que desligá-lo, atirou o telefone e acrescentou, dirigindo-se à subinspetora: –Joana Vidal.

Ela resfolegou lentamente.

– Outra vez?

O comissário encolheu os ombros.

– Não há nada de novo a respeito desse assunto, pois não?

– Nada. Viste o relatório? É claro como água. O rapaz distraiu-se e caiu da janela. Simples má sorte.

Savall assentiu, abanando a cabeça.

– Bom relatório, a propósito. Bastante completo. Foi a nova, não é verdade?

– Sim. Mandei-a refazê-lo mas acabou por ficar bem. – Martina sorriu. – A rapariga parece esperta.

Vindo de Andreu, qualquer elogio devia ser levado a sério.